

Solidão na metrópole e rito de passagem

Por Carlos Primati (SP, Convidado)

O ápice da 38ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo coincidiu com os momentos derradeiros da corrida eleitoral que decidiu quem ocuparia o cargo de Presidente da República pelos próximos quatro anos. E no coração da metrópole paulistana – na Avenida Paulista e arredores, onde se concentrou a central e o escritório da Mostra e as principais salas de exibição – respirava-se intensamente estes dois eventos. De certa maneira, esse clima de incerteza e de uma acirrada e polarizada disputa político-ideológica também apareceu refletido (involuntariamente ou somente na ótica deste crítico, admito) em alguns dos principais filmes do recorte de “novos realizadores” proposto pela Abraccine, e de cujo júri tive o prazer de fazer parte por meio de um convite especial.

Possivelmente o filme que mais claramente reflete essa bifurcação esquerda/direita que víamos entre os militantes de Dilma e Aécio na Paulista é o documentário *A Viagem de Yoani*, de Peppe Siffredi e Raphael Bottino. O filme registra a tumultuada passagem pelo Brasil da blogueira cubana Yoani Sánchez, que acaba se mostrando na tela uma figura frágil, vaga, quase patética; ela mal consegue encontrar meios de se expressar em suas aparições públicas, e quando o faz, pouco diz. Yoani surge prometendo polêmica e sai de cena inescrutável, enigmática. Os trechos de suas postagens no blog lidos em *off* são genéricos, utópicos, quase ingênuos em sua argumentação. Pouco dizem de revelador sobre a personagem, e talvez seja isso mesmo que ela represente: nada.

Outro documentário, o musical *Yorimatã*, de Rafael Saar, traz personagens verdadeiramente fascinantes: as cantoras Luli e Lucinha (ou Luhli e Lucina, como passam a se chamar posteriormente), vivendo uma improvável história de liberdade sexual e independência artística, ambientada no auge da Ditadura; um conto de fadas hippie que beira a utopia. Sua história é um relato tão sedutor quanto a fantasia do amor livre e da música que toca primeiro a alma, e não as paradas de sucesso. A lamentar apenas a narrativa convencional, incapaz de dar a essa história a emoção que ela pede, como a cena do reencontro das amigas/amantes, mal resolvida ao ponto de ser desconfortável.

A música é também o elemento predominante na ficção *A Luneta do Tempo*, primeira incursão de Alceu Valença na direção cinematográfica. O consagrado artista pernambucano – veterano na mistura de ritmos folclóricos com rock – concebeu um espetáculo frenético que transborda os sentidos, misturando cangaço, cordel, teatro, circo, música, dança e fantasia; como cinema,

porém, é pobre, com deficiências técnicas evidentes (sendo a montagem a mais problemática delas), mas tal imperfeição não anula o prazer da experiência.

Sozinho na multidão

A solidão na metrópole paulistana foi tema de pelo menos três dos principais filmes do recorte da Abraccine: *Ausência*, *Permanência* e *Hipóteses para o Amor e a Verdade*. A angústia de um menino em busca de uma figura que preencha sua carência por um pai é o tema de *Ausência*, de Chico Teixeira. Vivendo com a mãe alcoólatra, ele faz às vezes de marido e homem da casa, ao mesmo tempo em que busca num professor o afeto paterno que lhe falta. Os elementos são interessantes, mas o filme nunca consegue desenvolvê-los a pleno potencial. Muitas boas ideias ficam apenas na sugestão, nunca se concretizando de maneira satisfatória.

Permanência, de Leonardo Lacca, investe na estranheza de um visitante de fora – um fotógrafo pernambucano – na cidade de São Paulo. Enquanto acompanha os preparativos de sua exposição numa galeria de arte paulistana, ele hospeda-se na casa da ex-namorada, agora casada com outro homem. Começa insinuando a retomada do romance, mas aos poucos vai desvendando a falta de significado dessa relação. Carrega um pouco demais no estereótipo do paulistano inconveniente e arrogante, na figura do marido, mas tem seus momentos.

Estereótipos paulistanos – desta vez protegido pelo verniz de ter sido baseado em depoimentos de personagens reais – são o principal problema de *Hipóteses para o Amor e a Verdade*, de Rodolfo Vásques García. Peca por insistir numa abordagem teatral – o filme é adaptado de uma peça – e estraga uma história potencialmente arrebatadora com uma verborragia cafona, ultrapassada, mas constrói personagens com profundidade. Em termos de cinema, é capaz de ir do inferno ao paraíso: a cena do *flashback* com a morte de uma criança num assalto está entre as coisas mais mal filmadas vistas neste festival; em contraste, a cena do rapaz tímido parado num cais enevoado, preso a uma espécie de limbo, é genuinamente poética.

Solidão e desespero também dão o tom do gaúcho *Castanha*, de Davi Pretto, um filme denso e pessimista que chegou com a promessa de ser um dos destaques do festival, mas acabou sendo uma deceção justamente pelo potencial que oferece. Fica a impressão de que poderia ter sido mais visceral, mais contundente, mais intenso. Mas não deixa de ser cativante em sua estranheza; um raro filme ambientado no universo LGBT no qual o sexo é um elemento ausente: a falta de amor, afeto, carinho e relação carnal é a essência de seu protagonista, vivendo sempre no limite da tensão, do desamor e do desgosto. É um filme sobre sentimentos negativos, sobre fracasso e – de novo – sobre solidão.

Futuro incerto

Voltando ao clima de tensão política pré-eleição, a incerteza do que nos aguarda(va) refletiu-se em alguns filmes do recorte, em narrativas inconclusivas ou de transição. O pernambucano *Prometo um Dia Deixar Esta Cidade*, de Daniel Aragão, narra de maneira histérica e confusa – em meio a uma pretensão estética setentista – a história de uma moça de família rica que tenta se recuperar do vício em drogas, tendo como pano de fundo os preparativos de seu pai para investir na carreira política. Muito mais sinceridade tem *Boa Sorte*, de Carolina Jabor, com Deborah Secco num desempenho notável no papel de uma viciada soropositiva que inicia sexualmente um jovem tímido que é internado na clínica onde ela vive. Infelizmente peca pelo excesso, insistindo em verbalizar demais todas as situações. Um pouco de silêncio tornaria o filme mais envolvente.

Silêncio, aliás, é o que tem se sobra em *Obra*, de Gregorio Graziosi, excessivamente contemplativo e confiante demais na força impactante de sua imagem (em preto e branco), tendo a arquitetura paulistana e seus canteiros de obras como objetos de estudo. Apostou pesado nos tempos mortos para estabelecer o ritmo da narrativa, mas resulta numa obra fria como o próprio concreto de seus edifícios. É um filme assumidamente cinzento e a experiência de vê-lo é análoga à premissa do filme: Irandhir Santos (a figura mais fácil da mostra, presente também em *Ausência*, *Permanência* e *A Luneta do Tempo*) é um arquiteto que supervisiona uma obra onde são encontrados esqueletos humanos de um possível cemitério clandestino; e nos sentimos da mesma maneira, diante de um objeto sem vida do qual não conseguimos descobrir sua identidade ou significado.

A expectativa do porvir é o mote do mineiro *Ela Volta na Quinta*, elogiado e premiado longa de estreia de André Novais Oliveira. O filme é composto por diversas tomadas longas – excessivamente soltas e demoradas, quase sempre – com personagens revelando sua ansiedade com o futuro. O rapaz que quer mudar de emprego, ter filhos, sua companheira que lhe cobra o prometido casamento. Uma separação que se anuncia. A cena final é sintomática: a família reunida para ver pela televisão o clássico Atlético x Cruzeiro. E o filme termina ainda nos preparativos, antes de a bola rolar.

Porém, o filme que melhor captou o momento de transição que o país vem atravessando já há alguns anos foi o carioca *Casa Grande*, de Fellipe Barbosa, justamente o vencedor do prêmio da Abraccine na Mostra. Conta a história de um rapaz de família rica que tenta viver sua primeira experiência sexual, ao mesmo tempo que é incapaz de perceber que os pais estão arruinados

financeiramente. Conforme piora a situação econômica da família e os empregados da mansão vão sendo dispensados, o garoto passa a conviver com pessoas de classes menos favorecidas e vai aos poucos descobrindo valores mais tangíveis.

O filme combina drama, comédia e um comentário social condizente com o cenário nacional no qual a separação de classes não é mais tão desigual. É um filme que retrata sua época e aponta para um futuro que já está acontecendo.